

# MIOPIA SOCIAL

J U L I O   C O R R Ê A

**Editora Penalux**  
*Guaratinguetá, 2019*



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO: Neide Amback e Aline Soares

CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Guilherme Peres

FOTO DO AUTOR: Eduardo Martins

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

C824m Corrêa, Julio.

Miopia social / Julio Corrêa – Penalux: Guaratinguetá, 2019.

154 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-529-4

1. Poesia I. Título

CDD B869.1

---

Índice sistemático:

1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

# a miopia do agora

LEANDRO GARCIA<sup>1</sup>

## I

Embora um conhecedor teórico da Crítica Literária, nunca me aventurei muito pelo mister hermenêutico que caracteriza esta atividade que tanto tem, ao longo do tempo, despertado paixões, intrigas, (in)justiças, canoni-zações e silêncios. Criticar é, etimologicamente, analisar, ler com cuidado, ler com um olhar mais instrumentalizado, ler de forma comprometida e também comprometedora. Acho, em suma, que criticar é adentrar em vários universos: do autor, da obra, de partes específicas do texto, do estilo, das intenções e de todo o mecanismo criativo, se é que isto é integralmente possível.

Alceu Amoroso Lima (1883–1983), um dos maiores críticos literários que o Brasil já teve, sempre “pensou criticamente a Crítica”, isto é, sempre buscou compreender uma certa metalinguagem no seu fazer analítico, tanto que afirmou:

A função do crítico, penso eu, não é de julgar. Quando muito de avaliar. Acima de tudo, compreender, participar e comunicar. Tentar compreender o espírito da obra

---

1. Doutor e Pós-Doutor em Estudos Literários pela PUC-Rio. Professor Adjunto de Teoria Literária da Faculdade de Letras da UFMG.

e, por extensão, o do autor. Participar, na medida do possível, da própria criação ou recriação da obra, já que considero a crítica como uma forma de criação literária e não apenas de avaliação e reflexo. Finalmente, compete ao crítico comunicar ao seu leitor e ao leitor das obras o seu próprio depoimento como leitor e participante<sup>2</sup>.

Com essas opiniões, Alceu reconfigura substancialmente o papel da Crítica e do próprio crítico de literatura. Ao afirmar que “a função do crítico não é julgar, porém compreender e participar”, Amoroso Lima bate de frente com as premissas clássicas da Crítica Literária, estas viam tal atividade como um ato de julgamento, de estabelecimento de hierarquias valorativas quanto ao objeto analisado e seu respectivo autor. A crítica servia para estabelecer conceitos, jogando por terra ou divinizando autores e obras, justamente o contrário da proposta de Alceu em “tentar compreender o espírito da obra e do autor”. Sobre o que devia ser evitado no ato crítico, Alceu afirmou:

Não está muito longe dessa concepção da cirurgia clássica a imagem da crítica, como a concebe a opinião pública. Se o serrote fora o emblema do cirurgião é o do crítico a palmatória. Espírito de contradição, incapaz de entusiasmo, fechado a toda emoção espontânea, só haveria de natural no crítico a paixão do erro, a paciente in-

---

2. LIMA, Alceu Amoroso. *Memórias Improvisadas*. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 88.

investigação de defeitos pela dissecação da obra, estudada a bisturi e a microscópio<sup>3</sup>.

Alceu utilizou diversas metáforas da medicina para analisar o modelo tradicional de Crítica Literária. De fato, muitos críticos seguiram esses passos anatômicos na análise de obras e autores, contribuindo sobremaneira na perpetuação da imagem do crítico como aquele que perseguia o objeto criticado e tentava extrair deste toda sorte de minúcias temáticas e formais. Era o exagero de uma prática formalista que tanto tempo configurou a Crítica Literária. No Brasil, o melhor exemplo foi Osório Duque-Estrada.

(...)

(...) Creio que a boa literatura é aquela capaz de fazer perguntas ao mundo, como já asseverou o filósofo Roland Barthes, isto é, a literatura é sempre uma pergunta, não uma resposta. Numa outra perspectiva que se interliga à esta proposta, a Crítica é sempre uma das possíveis respostas. Termino esta primeira parte com o sintomático questionamento do filósofo e crítico literário francês Antoine Compagnon, no seu artigo *Après la littérature*:

Hoje, que *interesse* tem ainda a leitura literária? É noutro lugar que se aprende como funciona o mundo: diante de uma tela. Outras formas de cultura, ao mesmo tempo

---

3. LIMA, Alceu Amoroso. *Afonso Arinos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1922. P. 14.

mundiais e locais, vêm à luz. Qual será o lugar da literatura e do livro na cultura digital do século XXI, afastada do modelo filológico e nacional do século XIX? Para que *serve* o estudo literário? Em nome de que fazer sua apologia? Eis uma série de questões às quais devemos responder antes de baixar os braços<sup>4</sup>.

Neste afã, para que serve a publicação de um livro de poesia como este *Miopia social*, que ora vem a lume pela pena de Júlio Correa? O que há de valor nestes poemas e neste novo livro? O que “fica” após a sua publicação? Que valores e imagens permeiam o seu fazer literário? Como afirmado anteriormente, a literatura é movida mais por perguntas do que por respostas. Que estas minhas dúvidas possam direcionar a segunda parte deste prefácio, pensando e problematizando certos aspectos e ideais deste *Miopia social*.

## II

Dizem que a boa exegese de um livro começa por analisar o seu título. Há críticos que defendem que o título encerra uma ideia geral para a totalidade da obra, há ainda outros que defendem que o título é uma espécie de resumo temático do livro. Escolher título sempre me foi das dificuldades uma das maiores. Como condensar tanta informação em poucas palavras, às ve-

---

4. COMPAGNON, Antoine. “Après la littérature”. In: *Le Débat*, Paris, n. 110, p. 154.

zes numa única expressão? São afazeres que o autor, obrigatoriamente, deve pensar e decidir corretamente. Neste sentido, *Miopia social* me parece ser destes títulos sugestivos, intrigantes, complicados e cheio de uma semântica própria, de um universo que tenta se desvendar à medida que a gente vai passando as páginas do livro. Não pretendo aqui analisar cada poema, acho isso um tanto inconveniente, prefiro as ideias gerais, a organização lógica do conjunto, talvez as motivações mais gerais e, claro está, falar rapidamente acerca das impressões despertadas na leitura de alguns destes poemas, talvez aqueles com vida própria, aqueles que nos chamam, que pedem a nossa atenção. Sim, porque acredito que alguns poemas saltam à nossa vista, pedem a nossa consideração em lê-los, gritam pela nossa atenção. É apenas isto que proponho, não uma análise de cada peça aqui publicada.

Mas voltando ao título – *Miopia social* – penso ser este de uma autêntica e terrível atualidade, especialmente se julgarmos o atual contexto político-social brasileiro, profundamente marcado pelos radicalismos, por uma onda de pensamento *extremista*, um claro neo-fascismo que nos ronda e, cada vez mais, conquista novos adeptos, infelizmente, a maioria jovem. Nestes tempos sombrios, anárquicos, desestabilizados em todas as instâncias, acho que a Poesia pode exercer um papel de ligamento, ou religamento, no sentido mais antigo do termo latino “religare”, que em Português deu a palavra “religião”. A poesia pode ser este “religare” no sentido

que religa os sentidos e os sentimentos, desperta ódios e paixões, atrações e distâncias, frieza e tesão. De fato, em textos como “arbitrariedade política”, vemos claramente esta voz lírica de denúncia:

como lutar sem armas na mão / o inimigo possui um poderoso arsenal bélico / é injusta a luta em que um lado pode tudo / ao outro cabe apenas a (sub)missão de ouvir calado / como se defender do algoz / a lei é contrária aos que necessitam de ajuda / não se pode recorrer à Justiça Suprema / então pra que brasão / pra que regulamento / pra que história / tudo é farsa / estampa grossa / esmalte a cobrir as unhas / vontade de abandonar a luta / abandonar a ideologia / se perder na ilusão / a impunidade reina absoluta / o opressor controla a verdade / forja uma imagem falseada / sorri por detrás de um mandato / de um paletó de gravata mofado / o chicote ainda dança no ar / fere a carne de todas as cores / só que agora está oblíquo / disfarçado de democracia / fera perversa a devorar o povo / ambígua sensação de impotência / eternos anos de completa escuridão

Este “poderoso arsenal bélico”, na atualidade, é composto não apenas de armas de fogo e projéteis de aço. Ao contrário, acho que uma das armas mais danosas seja a ignorância, a nossa secular falta de educação política, os fanatismos religiosos que teimam em definir as nossas eleições, num movimento de total e terrível doença mental marcada pela verve religiosa – seja católica ou protestante, com algumas poucas e apagadas exceções.



Talvez por isso o autor tenha jogado tudo na conta da noção de “arbitrariedade”. Sim, de fato, existir e ressignificar-se, neste nosso momento político é um ato político, um ato de resistência. Esta problemática fica explicitada, igualmente, no poema “intervenção”, título atualíssimo nestes tempos de medo e possibilidade das mais diferentes intervenções na nossa vida: na política, no comportamento, no sexo, no amor:

a farda ainda pesa  
ao invés de armas  
empunharia flores

mas a vida não anda fácil  
nem sempre há escolha  
no final do ato corrompido  
vestido de falsa democracia

E continuamos no nosso “final de ato corrompido / vestido de falsa democracia”. Na verdade, seguimos vestidos de muita coisa ruim além destas denunciadas aqui neste poema. Seguimos vestidos, em muitos, com o que há de pior na condição humana, tudo devidamente revelado, nos últimos tempos, com a polarização política que nos corroeu: descobrimos quem é o brasileiro, descobrimos a face oculta de muitos, o lado B e sórdido de muita gente. Tais questões ficam mais em evidência quando se lê o poema “atestado de óbito”:

---

Este livro foi composto em Bembo Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
pólen soft 80 g/m<sup>2</sup>, em julho de 2019.

---